

# COEDUCAÇÃO MUSICAL EM MEIO ÀS DIFERENÇAS: Uma reflexão sobre a prática musical no Encontro de Flautas Doce

Daniela Weingärtner  
Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)  
daniela.wgt@gmail.com

## Comunicação

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo discutir os modos e processos de aprendizagens musicais tecidos por flautistas de diferentes idades e realidades musicais, buscando compreender como o contexto da Igreja Luterana produz e interfere nas aprendizagens e nas práticas musicais desses flautistas e, ainda, como ocorrem os processos de coeducação nos encontros. A partir de uma observação participante e de algumas entrevistas, discuto os sentidos da prática musical e a presença de processos de coeducação entre os pares nos encontros. A reflexão é feita a partir do conceito *musicar* de Christopher Small (1998; 2002) e da perspectiva de coeducação de Ribas (2009), buscando uma abordagem socioeducacional da Educação Musical.

**Palavras chave:** Coeducação musical, Prática Musical em Grupo, Igreja Luterana.

## Introdução

A área de Educação Musical tem ampliado suas discussões acerca das abordagens socioculturais. Exemplos disso são os trabalhos de Arroyo (2002) - que trata do cruzamento de mundos musicais locais discutindo a partir da abordagem sociocultural de Educação Musical - e de Müller (2000) - que discute os sentidos da prática musical para crianças e jovens em situação de rua.

Este artigo, pensado a partir das reflexões ocorridas na disciplina de Fundamentos da Educação Musical II, com a professora Viviane Beineke, pretende contribuir para a discussão acerca das práticas musicais, os sentidos e os processos de coeducação musical atrelados ao fazer musical. Essa pesquisa parte do pressuposto de que

“(...)em qualquer prática musical estão implícitos o ensino e a aprendizagem de música, que nenhuma prática é melhor que outra, mas que cada uma deve ser

compreendida no seu contexto de construção e ação (visão relativizadora); que o campo da Educação Musical comporta objetos de estudo para além dos cenários escolares e acadêmicos (...)” (ARROYO, 2002, p.98)

Assim, ao olhar para o Encontro de Flautas Doce, pretendo observar a música acontecendo e os processos e relações estabelecidos no momento da prática musical. A relevância da performance no contexto dessa pesquisa, se baseia no conceito musicar de Christopher Small.

"Musicar" é participar, com qualidade de qualquer coisa em uma performance musical. Isso significa que "musicar" não só é interpretar, mas também ouvir, ou fornecer material para uma interpretação musical - o que chamamos de compor - preparar uma interpretação - o que chamamos de praticar ou ensaiar - ou qualquer outra atividade relacionada a uma interpretação musical. (SMALL 2002, p.15-16)

Para Small (1998, 2002) todos os envolvidos, engajados e movidos pela música fazem parte desse musicar. E não é apenas no momento de apresentação que o musicar acontece, mas também nos ensaios e encontros ocorrem processos importantes de interação, que vão da fruição musical aos aspectos comunitários e vivenciais da música.

A presente pesquisa pretende olhar para o Encontro Sinodal de Flautas Doce, buscando entender os modos e processos de aprendizagens musicais tecidos por flautistas de diferentes idades e realidades musicais e como ocorrem os processos de coeducação musical nesse contexto. Para isso, pretendo discutir, ainda, como o contexto da Igreja Luterana produz e interfere nas aprendizagens e nas práticas musicais desses flautistas.

Como metodologia, observei e filmei um dos encontros, ocorrido no dia 10 de maio de 2017 e a partir da observação, pretendo dialogar com a área de educação musical, em especial em sua abordagem sociocultural. Sou musicista da comunidade onde os encontros acontecem e participo dos encontros de flauta doce, assim elaborei o diário de campo a partir de minha observação participante. Realizei, ainda, entrevistas semiestruturadas com alguns participantes, trazendo a opinião e a visão deles sobre o encontro.

## O Encontro

O Encontro de Flautas Doce surgiu a partir das aulas de música, com enfoque em Flauta Doce, que ocorrem atrelados ao Ensino Confirmatório na Comunidade da Velha Central – Blumenau - SC. Essas aulas acontecem há cinco anos na comunidade e, fruto disso, formou-se o Grupo de Flautas Doce. Vendo a importância, musical, pedagógica e social de se tocar em grupo, a professora Cristiane, resolveu promover um encontro de flautistas da região.

C – A ideia é ampliar, sair daqui, só de uma comunidade. Porque essa comunidade faz parte de uma comunidade maior. Maior que é a CEB, que é o Sínodo ou a própria Igreja. Quando você junta mais pessoas, cresce a comunidade daqui, mas também... Um dos grandes objetivos é dar oportunidade para outros grupos e outras pessoas terem oportunidade de aprender flauta, ou melhorar. O objetivo maior é juntar as pessoas, juntar as pessoas e dar oportunidade para todo mundo. E que quando a gente toque, que mais pessoas olhem com bons olhos para a música da comunidade. (ENTREVISTA 3)

O primeiro Encontro de Flautas Doce aconteceu em novembro de 2016 e reuniu 56 participantes. Durante o encontro, surgiu a ideia de se reunir com maior frequência, e ficou combinado, entre os participantes, que faríamos três encontros no primeiro semestre de 2017, sendo que o último terminaria com uma apresentação.

Nos encontros estão presentes a diversidade de saberes musicais - indo de flautistas bem iniciantes a músicos profissionais - e a diversidade de gerações envolvidas - tendo participantes de 8 a 70 anos. Essa diversidade de saberes e de experiências com a flauta doce, entre os participantes dos encontros, em especial em um contexto comunitário, onde a interação e a troca são valores pregados, sugere a existência de processos de coeducação entre os pares.

O Encontro observado, aconteceu em uma quarta-feira à noite, e como algumas pessoas vieram direto do trabalho ou da escola, começou com um café. Conforme as pessoas iam chegando na comunidade, elas entravam na igreja, confirmavam a presença e eram encaminhadas para o Salão, onde estava servido o lanche. Após o lanche, as pessoas retornaram à igreja e o encontro começou com as boas-vindas aos participantes de quatro diferentes comunidades e uma mensagem do Pastor Local. Em seguida foram ensaiadas diferentes músicas,

intercaladas de explicações sobre o repertório, sobre a flauta e conversas sobre a organização dos encontros e da apresentação que aconteceria em julho. Mais tarde, o encontro terminou com muita conversa, e todos ajudando a desmontar a estrutura construída

## Música e Comunidade Luterana

A noção de comunidade é muito importante para esse estudo, uma vez que perpassa as relações observadas. Comunidade “refere-se à relação baseada no sentimento subjetivo do pertencer, estar implicado na existência do outro, como a família e grupos unidos pela camaradagem, vizinhança e fraternidade religiosa” (SAWAIA, 2009, p. 40). Esse é um termo nativo fortemente utilizado dentro da Igreja Luterana e traz, consigo, a noção de pertencimento, coletividade e unidade.

O Encontro de Flautas Doce observado reuniu membros de quatro comunidades da região (Velha Central, Velha, Garcia e Gaspar) que fazem parte da mesma denominação religiosa e, portanto, de uma comunidade maior. As pessoas se inscrevem com o objetivo de fazer música em conjunto, prática muito comum dentro da Igreja Luterana.

Olhando para a história percebemos a importância da música para a continuidade da Igreja Luterana. Na Idade Média, conforme Grout e Palisca (2007), quando o Cristianismo havia se transformado na religião oficial do mundo e o Papa Gregório havia organizado a liturgia romana, a música na Igreja passou a ser praticada de forma institucionalizada. Mais tarde, com a Reforma Luterana e a Contrarreforma, nas quais a música passou a ter um novo papel, sendo agora parte indispensável da maioria das cerimônias religiosas, iniciou-se a prática do canto comunitário.

A participação da comunidade no momento de louvor influenciou no desenvolvimento de uma igreja mais participativa e, de certa forma, mais educativa. “Para Lutero, a música era parte indispensável da boa educação, não somente a música voltada a si mesma, mas também em relação à função que ela poderia desempenhar na vida dos jovens quando participam do culto [...]” (SCHALK, 2006, p. 37). A música passou a ser utilizada, então, como agente motivador e

evangelizador. Nesse contexto, as diversas denominações religiosas cristãs, passaram a investir em práticas musicais.

A música tem um papel importante no culto cristão. Mas a prática musical nas comunidades vai além do momento do culto e tem importantes sentidos para a vida comunitária. Assim, com esse artigo pretendo refletir a partir das seguintes questões: Quais os sentidos atrelados ao *musicar* no contexto luterano? Quais os modos e processos de aprendizagens musicais tecidos por flautistas de diferentes idades e realidades musicais no Encontro de Flautas Doce? Como o contexto da Igreja Luterana produz e interfere nas aprendizagens e nas práticas musicais desses flautistas?

## Educação Musical e Igreja

A Igreja Luterana tem desenvolvido, ao longo de sua história, diversas atividades educativo-musicais, promovendo o aprendizado de músicos amadores e profissionais. Essas práticas de aprendizagem musical devem, portanto, ser observadas e entendidas como importantes para o desenvolvimento musical de muitos. SOUZA (2008) acredita que ações cotidianas musicais podem musicalizar, assim como PENNA (1990) que afirma que o convívio em comunidade é importante para o desenvolvimento musical. Exemplos disso são as associações de bairro, entidades sociais, escolas livres de música e instituições religiosas, sendo, a última, foco desta pesquisa.

Se as práticas culturais comunitárias e as experiências de vida musicalizam, as instituições religiosas podem ser significativos espaços de educação musical. Isso porque, o convívio com uma comunidade religiosa expõe o indivíduo a diversos momentos de apreciação musical e de canto comunitário, fazendo com que as experiências cotidianas nesse meio, musicalizem. Assim, os espaços religiosos, que em princípio não seriam espaços de educação musical, mostram-se importantes para o desenvolvimento da musicalidade.

Nos espaços religiosos os processos de aprendizagem musical costumam acontecer de forma não linear, envolvendo pessoas de diversas idades e realidades musicais. Ao ser

questionada sobre as particularidades da Igreja como espaço de aprendizagem musical, uma professora que atua nesse contexto e estava participando do encontro como flautista respondeu:

M - Na igreja, as pessoas têm um objetivo, sabe? [...] E na igreja, eu, pelo menos, sempre tentei formar grupos. Eu sempre digo para eles: o objetivo de vocês é tocar no culto, essa é a primeira coisa. Então é um ensino bem simples, né? Vai *super* devagar, eles estão tocando os hinos e ali eles vão crescendo. Então eles acabam não desistindo porque eles têm onde tocar, tem público, pessoas que vem assistir, apreciar, então eu acho que acaba sendo um diferencial nesse sentido. Além de toda essa questão, né? Eles acabam experimentando, contribuindo com o seu dom e tem toda uma questão de fé também... engajamento e a questão de... A igreja, assim... Eu acho que vai passando nas famílias. Tem a mãe e ela já quer trazer os seus filhos, né? E vai espalhando a coisa mais fácil! (Entrevista 1 – 10/05/2017)

A resposta dessa professora, que é também pastora de uma comunidade, aponta para a importância religiosa do fazer musical. Para Christopher Small (1989) um ponto fundamental das práticas musicais é seu aspecto vivencial uma vez que "toda arte é ação, performance, [...] e seu significado não reside no objeto criado, mas nos atos de estar criando, estar expondo, e estar percebendo" (p. 140). Porém, além dos sentidos artísticos e do aspecto vivencial da música, há por traz das práticas musicais na igreja a perspectiva e a importância religiosa da música. A prática musical nesse contexto é louvor e, quando feita em culto, é louvor de toda a comunidade.

Outro professor que participa dos encontros de flautas doce com seus alunos falou de outras especificidades de se aprender música na Igreja Luterana e como se tecem os processos de ensino e aprendizagem musical nesse contexto:

J- Eu acho que ele tem algumas especificidades muito interessantes. [...]. Por exemplo idades diferentes, em turmas de interesses em comum. Eu tenho, tanto nas aulas de flauta quanto nas aulas de violão, pessoas de idades diferentes, mas com os mesmos objetivos, que é aprender a tocar um instrumento musical, aprender a cantar, como é o caso do coral, que também tem pessoas de idades bem diferentes, onde a gente consegue fazer uma troca de experiências bem legal, e por ser um espaço um pouco mais informal, as pessoas se sentem mais à vontade. Então os erros eles não são, assim tão pesados, mas eles são compreendidos como parte do processo de ensino-aprendizagem e isso se torna muito agradável porque as pessoas não vão preocupadas se elas vão ser avaliadas com 9 ou 10, mas elas querem realmente aprender, elas querem melhorar, elas querem crescer e elas percebem o seu avanço de uma forma diferente. Elas percebem seu avanço dentro de um grupo,

o crescimento do grupo como um todo. Então isso se torna bastante agradável para eles. (Entrevista 2 – 10/05/2017)

No trecho apresentado a noção de pertencimento e a importância dada ao tocar em grupo fica bastante evidente. “Na análise de Small (1989), o ato musical se estabelece, também, como um reflexo das relações humanas existentes entre os integrantes da comunidade, [...]” (MÜLLER, 2000, p.63).

## Coeducação Musical em meio às diferenças

Tocar em grupo é o grande objetivo dos encontros de Flauta Doce. Embora o encontro utilize processos formais de ensaio, como regência, leitura de partitura e passagem de vozes, nos ensaios são tecidos imponentes processos de coeducação entre os pares. É curioso falar de “pares” ao se referir à participantes tão diversos. Mas no encontro, professores e alunos, flautistas iniciantes e profissionais, jovens e idosos, sentam lado a lado para fazer música em conjunto.

Um dos participantes, de 12 anos de idade, que recém começou a tocar flauta contralto, ao ser questionado sobre o Encontros de Flautas Doce disse:

A - Tipo... antes eu não conhecia, tipo, as outras flautas como baixo, eu nem sabia que existia e nos encontros eu conheci. E nos encontros dá para ver até onde eu quero chegar. Tinha um monte de gente do contralto ali que toca muito bem e eu queria conseguir chegar até aquele nível.

D- E você acha que durante o encontro dá para aprender flauta?

A- Da! Porque a Cris, muitas vezes parava para mostrava para a gente como é que era os dedos.... Os outros colegas, que estavam atrás ou na frente, também mostravam *pra* gente como era a nota... daí... é bem bom pra aprender! [...] porque, tipo, quando passa as outras vozes dá pra, tipo, conversar, dá *pra* aprender umas coisas diferentes, que eu nem sabia... (Entrevista 4)

Na fala desse participante, percebe-se o papel dos encontros como agente motivador da prática musical. Ele traz, também, a noção de coeducação ao falar dos colegas que mostravam como era determinada nota ou trecho musical. Esse tipo de interação, ficou evidente em diversos momentos do encontro. É curioso perceber como pessoas diferentes, em vários sentidos, podem

(e querem) fazer música em conjunto. Ribas (2009), ao falar da coeducação entre pessoas de diferentes gerações no contexto do EJA, diz que:

Esse contexto educacional provoca a reflexão sobre a função sociopedagógica da música entre pessoas consideradas jovens, adultas e idosas, desenvolvendo-se como espaço de apropriação e transmissão musical, bem como de compartilhamento e tensionamentos intergeracionais, onde a coeducação musical se gesta. [...] múltiplas aprendizagens e formas de ensino em música se tecem, por meio de uma articulação entre pares. (RIBAS, 2009, p.133)

A Igreja Luterana, em especial nos Encontros de Flautas Doce, é um espaço de compartilhamento, bem como de apropriação e de transmissão musical, e, portanto, espaço onde se gesta a coeducação musical. A noção de “comunidade” por si só já indica essa articulação e interação entre os pares. A igreja luterana, embora tece processos formais de ensino de música, muitas vezes reafirmando um repertório hegemônico, é um espaço de interações, de comunidade e, portanto, de coeducação.

## Considerações Finais

O *musicar* no contexto dos Encontros de Flautas Doce, promovidos pela Igreja Luterana, vai muito além da prática musical. O “ser comunidade” parece perpassar as relações estabelecidas no encontro. A prática musical, ali, significa também interação, aprendizado e louvor a Deus.

Aprendemos e ensinamos música das mais diversas maneiras. O Encontro de Flautas Doce traz à tona alguns desses diferentes processos, envolvendo processos tradicionais de ensino e ensaio até momentos de coeducação, onde juntos, na interação entre os pares, se descobre técnicas, musicalidade e sentidos para a prática musical.

A Igreja Luterana da Velha Central, localizada no interior da cidade de Blumenau – SC é o lugar onde os encontros acontecem. A religião, o bairro e a tradição musical dessa comunidade parecem interferir nas práticas musicais e nos sentidos dados ao musicar. Futuras análises serão feitas buscando ampliar as discussões da abordagem sociocultural de educação musical.

## Referências

ARROYO, Margarete. **Mundos musicais locais e educação musical**. *EM PAUTA*, v. 13, n. 20 - junho 2002.

GROUT, Donald Jay; PALISCA, Claude V. **História da música ocidental**. 5. ed. Portugal: Ed. Gradiva, 2007.

MÜLLER, Vânia Beatriz. **"A música é, bem dizê, a vida da gente"**: um estudo com crianças e adolescentes em situação de rua na Escola Municipal Porto Alegre – EPA. Dissertação de Mestrado em Música. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.

PENNA, Maura. **Reavaliações e buscas em musicalização**. São Paulo: Loyola. 1990.

RIBAS, Maria Guiomar de Carvalho. Práticas musicais na Educação de Jovens e Adultos: uma abordagem geracional. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 21, 124-134, mar. 2009.

SAWAIA, Bader Burihan. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, R. H. F. (Org). **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. 15. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p.35 – 53.

SCHALK, Carl. F. **Lutero e a Música: paradigmas de louvor**; tradução Werner Ewald - São Leopoldo: Sinodal. 2006

SMALL, Christopher. **El Musicar i el Multiculturalisme**. In: ACTES DE LES IV JORNADES DE MÚSICA. Institut de Ciències de l'Educació. Universitat de Barcelona, 2002.

SMALL, Christopher. **Musica, sociedad, educación**. Madrid: Alianza Editorial. 1989.

SMALL, Christopher. **Musicking: the meanings of performing and listening**. Hanover: Wesleyan University Press. 1998

SOUZA. Jusamara. **Aprender e ensinar música no cotidiano**. 1, ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.